

Self versus selfie: o arquétipo da sombra e o mal-estar na pós-modernidade

Self versus selfie: the shadow archetype and discontent in postmodernity

Eduardo Vignatti Casagrande

Psicanalista clínico, Brasil.

PUBLICADO 20 DEZ 2023

Os registros de tramitação editorial dos volumes 1 a 3 estão incompletos em razão de mudança na direção da revista. As datas de recebimento, revisão e aceite deste artigo não puderam ser recuperadas e, por isso, não são informadas.

RESUMO

Este artigo examina o arquétipo da sombra, tal como formulado por Jung, como chave de leitura do mal-estar contemporâneo associado à exposição permanente nas redes sociais. Parte-se de uma constatação de dupla face: a oferta técnica de meios para depurar a imagem de si cresceu em paralelo ao consumo de antidepressivos nas populações de alta renda. Argumenta-se que a coincidência não é casual, mas expressão de uma mesma operação psíquica — a hipertrofia da persona como resposta à ampliação indefinida da instância julgadora. Reconstitui-se o percurso conceitual que vai da tópica freudiana do recalque ao inconsciente coletivo junguiano, delimita-se a sombra como instância que abriga tanto traços recusados quanto potenciais não reconhecidos, e examina-se a projeção como seu modo privilegiado de retorno. Sustenta-se que o recalque da sombra não a suprime, mas a converte em sintoma: ansiedade difusa, sentimento de vazio, hostilidade dirigida ao semelhante. Na seção clínica, discute-se o manejo analítico do confronto com a sombra, com atenção às projeções cruzadas no vínculo transferencial. Conclui-se que a integração da sombra, e não sua supressão, constitui condição do processo de individuação.

Palavras-chave: arquétipo da sombra; pós-modernidade; Jung; individuação; persona.

ABSTRACT

This article examines the shadow archetype, as formulated by Jung, as a key to understanding contemporary discontent associated with permanent exposure on social media. The starting point is a two-sided observation: the technical availability of means to refine one's self-image has grown alongside antidepressant consumption in high-income populations. It is argued that this coincidence is not accidental but the expression of a single psychic operation — the hypertrophy of the persona as a response to the indefinite expansion of the judging instance. The conceptual path from the Freudian topography of repression to the Jungian collective unconscious is reconstituted; the shadow is delimited as an instance harbouring both rejected traits and unacknowledged potentials; and projection is examined as its privileged mode of return. It is held that repressing the shadow does not suppress it but converts it into symptom: diffuse anxiety, a sense of emptiness, hostility directed at one's fellow. The clinical section discusses the analytic handling of the encounter with the shadow, with attention to crossed projections within the transference bond. It is concluded that integrating the shadow, rather than suppressing it, is a condition of the individuation process.

Keywords: shadow archetype; postmodernity; Jung; individuation; persona.

1 Introdução

Nenhuma geração anterior esteve submetida a uma instância de julgamento de extensão indeterminada. As sociedades que precederam a difusão das redes digitais organizaram a vigilância social em círculos de alcance limitado e composição conhecida — a aldeia, a paróquia, a vizinhança, o ofício —, em que o olhar avaliador pertencia a pessoas identificáveis, de critérios previsíveis e proximidade

negociável. A exposição contemporânea rompe com essa economia em dois pontos: o público torna-se ilimitado e anônimo, e a avaliação incide não sobre a conduta ocasional, mas sobre um registro permanente e acumulado da própria vida.

A resposta psíquica a essa mudança tem forma reconhecível: a produção incessante de uma imagem de si que antecipe o julgamento esperado. Essa imagem não é falsa no sentido trivial — é construída com material biográfico verdadeiro, submetido a seleção, realce e supressão. O que a caracteriza é a assimetria: o que confirma o ideal é exibido, o que o contraria é retirado de circulação.

Paralelamente, documenta-se nas últimas duas décadas crescimento sustentado do consumo de antidepressivos nos países de alta renda (OECD, 2021). A leitura desse dado exige cautela: parte expressiva do aumento reflete ampliação do acesso a diagnóstico e tratamento, redução do estigma e alargamento dos critérios nosográficos — fatores que indicam melhora assistencial, não deterioração clínica. Reconhecê-los, contudo, não esgota o fenômeno. Resta a pergunta sobre o que sofre uma subjetividade obrigada a produzir, sem intervalo, evidência pública da própria felicidade.

A hipótese aqui desenvolvida é que a exigência de perfeição exibida e o aumento do mal-estar relatado são faces da mesma operação. Quanto mais eficaz a construção da fachada, maior o volume de material psíquico que precisa ser mantido fora dela — e esse material não se dissolve ao ser recusado: organiza-se como sombra, incide sobre a conduta sem passar pela consciência e retorna como sintoma e como projeção.

2 Método

Trata-se de revisão narrativa de literatura, de natureza teórico-conceitual, sem produção de dados primários. O corpus primário reúne os textos em que os conceitos mobilizados recebem formulação sistemática: de Freud, *O inconsciente* e *A repressão* (1915), *O ego e o id* (1923) e *O mal-estar na civilização* (1930); de Jung, *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, *O eu e o inconsciente*, *Aion* e *O homem e seus símbolos*.

O corpus secundário tem duas ordens. A primeira reúne obras que permitem precisar, por contraste, o estatuto da sombra: a formulação lacaniana do eu constituído na imagem especular, a descrição winnicottiana do falso *self* e a elaboração kleiniana da identificação projetiva. A segunda reúne a crítica social da subjetividade contemporânea

— Debord, Bauman, Han —, mobilizada não como autoridade clínica, mas como descrição do regime de visibilidade em que o fenômeno se inscreve.

O critério de inclusão foi a presença de elaboração conceitual sobre a relação entre imagem social de si e conteúdo psíquico recusado; excluíram-se obras de divulgação sobre autoconhecimento e literatura de autoajuda. O procedimento consistiu em três movimentos: delimitação conceitual da sombra por contraste com o recalque freudiano; exame de sua gênese e de seu modo de retorno; e derivação de consequências para o manejo clínico.

3 Do recalque freudiano ao inconsciente coletivo

3.1 A tópica do recalque

A formulação junguiana da sombra não se compreende sem o solo freudiano de que emerge. Freud (1915a) descreve um aparelho psíquico em que a consciência ocupa posição minoritária: o pré-consciente reúne o que pode ser trazido à atenção mediante esforço deliberado; o inconsciente abriga representações às quais o acesso está vedado por operação ativa. A distinção é econômica antes de ser topográfica — o que separa os sistemas não é distância, mas o dispêndio de força necessário para mantê-la. O recalque é essa força em exercício. Freud (1915b) o define como operação que mantém afastado da consciência um representante pulsional cuja satisfação seria em si prazerosa, mas incompatível com outras exigências psíquicas. Três consequências importam: o recalcado não é destruído, subsistindo com sua carga intacta; o recalque é contínuo e custoso, exigindo contrainvestimento permanente; e produz efeitos — sintomas, atos falhos, formações substitutivas — que são o que torna sua existência inferível.

Com a segunda tópica, Freud (1923) acrescenta o elemento genético: o id, única instância presente desde o nascimento, é o reservatório pulsional; o ego dele se diferencia por contato com a realidade; o superego se constitui pela interiorização das exigências parentais e culturais. A renúncia pulsional não é escolha do sujeito, mas condição de sua admissão no laço social. Em *O mal-estar na civilização*, Freud (1930) extrai dessa estrutura a conclusão que interessa diretamente a este artigo: a felicidade duradoura não está prevista no plano da criação, porque a constituição humana só admite satisfação episódica, enquanto o sofrimento dispõe de três fontes permanentes — o corpo em decadência, o mundo externo e as relações com os outros homens.

3.2 Inconsciente coletivo e arquétipos

Jung preserva a hipótese do inconsciente, mas desdobra-a. Ao lado do inconsciente pessoal, constituído pelo que a biografia de cada um recalcou, postula um inconsciente coletivo: instância não individual, herdada, cujo conteúdo não deriva da experiência do sujeito. Esse estrato não é povoado por representações, mas por disposições formais — os arquétipos — que organizam a experiência segundo padrões recorrentes. A evidência invocada é comparativa: a persistência de certas figuras e enredos em mitos e contos de culturas sem contato histórico documentado — formas transmitidas através de longos períodos e cunhadas de modo específico em cada cultura (Jung, 2000).

A distinção entre arquétipo e imagem arquetípica é decisiva e frequentemente perdida. O arquétipo é vazio de conteúdo — a matriz, a predisposição a configurar a experiência de certo modo; a imagem arquetípica é seu preenchimento histórico e particular. O arquétipo materno não é a mãe de ninguém, mas a disposição a organizar em torno de uma figura os temas do acolhimento e da origem — e também, em sua face sombria, da devoração —, podendo ser encarnado pela mãe, pela madrastra, pela terra ou por instituições. O arquétipo do herói organiza os temas da provação, da partida e do retorno transformado; o par *animus–anima* designa, em cada psique, a polaridade que a identidade sexuada de superfície tende a recusar.

Todos possuem, portanto, polaridade: nenhum é exclusivamente benéfico ou nocivo. É essa bipolaridade que permite a Jung afirmar que a maturação psíquica não consiste em escolher o polo favorável, mas em sustentar a tensão entre os polos. A individuação — processo pelo qual o sujeito se torna aquilo que singularmente é — nomeia esse trabalho, cujo termo não é a felicidade nem o equilíbrio, mas a aproximação do *self*, totalidade da psique (Jung, 2011). A inscrição delfica *conhece-te a ti mesmo* enuncia o programa; a dificuldade está em que o que há a conhecer é precisamente o que se tem interesse em não conhecer.

4 A sombra: conteúdo, gênese, economia

4.1 O que a sombra abriga

A sombra é, entre os arquétipos, o de acesso mais imediato e o de aceitação mais difícil. Jung a define como a totalidade daquilo que o sujeito não quer ser — não o mal em si, mas as disposições incompatíveis com a imagem consciente que ele sustenta de si (Jung, 2012). A precisão im-

porta porque o senso comum identifica sombra e maldade, identificação que o vocabulário favorece e que desorganiza o conceito. A sombra abriga, com efeito, disposições que a moral corrente reprova: agressividade, inveja, avidez, indolência, desejo de domínio. Mas abriga igualmente disposições que a cultura de origem do sujeito, ou sua configuração familiar, tornou impraticáveis sem que haja nelas nada de condenável. Uma criança criada onde a ternura é lida como fraqueza aprenderá a retirar de circulação a própria capacidade de afeto — e essa capacidade, não exercida, não desaparece: passa a integrar a sombra. O mesmo vale para a curiosidade sexual, reprimida não por perigosa, mas por inominável no meio em que surge; e vale ainda, no ponto menos reconhecido, para talentos e ambições recusados por excederem o lugar atribuído ao sujeito.

Segue-se que a sombra não é o depósito do que há de pior no sujeito, mas do que nele foi declarado inadmissível. O critério é relacional, não moral — razão pela qual seu reconhecimento não produz apenas vergonha, mas também a descoberta de recursos cuja existência o sujeito desconhecia.

4.2 Gênese: adequação como condição de vínculo

A formação da sombra começa muito cedo e não resulta de deliberação. A criança depende, para sobreviver, do vínculo com quem dela cuida, e aprende precocemente a ler nos gestos do adulto quais de suas manifestações sustentam esse vínculo e quais o ameaçam. O que é recebido com desagrado, silêncio ou reprovação não é apenas interrompido: é retirado do repertório. Uma criança repreendida ao explorar o próprio corpo, outra cujo gesto de afeto ao pai é recebido com constrangimento, aprendem, antes de poderem formular o que aprendem, que certa disposição deve permanecer invisível.

A descrição aproxima-se do que Winnicott (1983) nomeou falso *self*: organização defensiva em que a criança, para preservar o vínculo com um ambiente que não acolhe seus gestos espontâneos, constrói uma superfície de conformidade sob a qual o gesto verdadeiro fica protegido e inativo. Winnicott e Jung descrevem, em vocabulários independentes, a mesma economia — o que não pode ser mostrado não é eliminado, mas posto em reserva, ao custo de um empobrecimento da vida disponível. Daí uma consequência clínica: a sombra não é feita de atos dos quais o sujeito se envergonha, mas de disposições nunca exercidas, cuja ausência ele não experimenta como perda. Seu

confronto não tem a forma de uma confissão, e sim de uma descoberta.

5 Persona, imagem e o regime pós-moderno de visibilidade

À sombra corresponde, como complemento necessário, a persona: a face que o sujeito apresenta ao mundo, o conjunto de atributos pelos quais pede e obtém reconhecimento. A persona não é patológica — é instrumento de adaptação, e sua ausência inviabilizaria a vida social. O risco está na identificação: quando o sujeito deixa de portá-la e passa a sê-la, perde o acesso ao que ela exclui, e o excluído passa a governá-lo por fora de seu conhecimento (Jung, 2011).

A pós-modernidade intensifica essa identificação por meios inéditos. Em registro distinto, Lacan (1998) descreve a constituição do eu a partir de uma imagem exterior antecipada e alienante: o sujeito reconhece-se onde não está. A plataforma digital não cria essa estrutura; oferece-lhe instrumentação industrial. O perfil é a imagem especular tornada editável, arquivável e mensurável — a aprovação, antes difusa, converte-se em número.

Debord (1997) descreveu o movimento mais amplo em que isso se inscreve, pelo qual a relação social se organiza através de imagens, e Bauman (2001) nomeou a liquefação dos vínculos que converte a identidade em projeto permanentemente revisável. Han (2015) formulou a transformação do regime disciplinar em regime de desempenho: o sujeito contemporâneo não obedece a proibição externa, mas a um imperativo interiorizado de rendimento, e explora a si mesmo acreditando-se livre. A patologia correspondente não é a neurose da interdição, mas o esgotamento.

Traduzido ao vocabulário junguiano: o regime de desempenho impõe uma persona de manutenção permanente. A exigência de ser, simultaneamente, produtivo, saudável, bem-humorado, parentalmente exemplar e emocionalmente resolvido não deixa lugar para a fadiga, a ambivalência ou a tristeza, inevitáveis em qualquer existência.

Esses estados não desaparecem por não terem lugar: deslocam-se para a sombra, que cresce na medida em que a fachada se depura. O mandamento corrente de afastar-se de pessoas tóxicas ilustra o dispositivo em sua forma acabada, pois oferece um procedimento para localizar no outro a origem do mal-estar — e torna impensável a pergunta que a clínica precisa formular: e se o tóxico fosse algo em mim?

6 Projeção: a sombra devolvida pelo semelhante

A sombra não permanece inerte. Seu modo privilegiado de retorno é a projeção: o sujeito percebe no outro, com nitidez e carga afetiva desproporcionadas, o traço que recusa em si. A desproporção é o indicador — antipatias imediatas, irritações recorrentes com pessoas específicas, indignação moral que excede o fato que a motiva sinalizam que algo além do objeto presente está em jogo.

A economia da projeção é compreensível: atribuir ao outro o traço indesejado preserva a imagem de si e concede ao traço expressão invertida — o sujeito pode odiar nele o que não reconhece em si. Brown (2009, tradução nossa) condensou a sequência numa formulação que, embora oriunda da ficção, descreve com exatidão o encadeamento: o que não se compreende, teme-se; o que se teme, julga-se mau; o que se julga mau, tenta-se controlar; e o que não se pode controlar, ataca-se.

Klein (1991) descreveu, em registro distinto, o mecanismo pelo qual partes indesejadas do *self* são depositadas em um objeto, que passa a ser percebido como perseguidor. A identificação projetiva kleiniana não se confunde com a projeção junguiana, mas converge com ela no ponto que interessa: a hostilidade ao outro pode ser hostilidade ao que de si foi recusado.

Dai a tese propositiva deste artigo: a projeção, que é o sintoma, é também a via de acesso. Como fissura no verniz da persona, torna visível por fora o que não pode ser visto por dentro. Essa inversão de sinal — tratar o incômodo não como informação sobre o outro, mas sobre si — é o movimento inaugural do trabalho com a sombra.

DOMÍNIO	CONTEÚDO RELEGADO	RETORNO SINTOMÁTICO	INDICADOR CLÍNICO
Agressividade	Raiva e desejo de domínio, incompatíveis com a persona conciliadora	Irritabilidade difusa; explosões desproporcionadas ao gatilho	Indignação moral que excede o fato relatado
Afeto e dependência	Ternura e necessidade do outro, lidas como fraqueza no meio de origem	Isolamento racionalizado como autossuficiência; vazio	Desconforto diante do cuidado recebido
Sexualidade	Desejos tidos por inomináveis no contexto de origem	Inibição; vigilância moral sobre a conduta alheia; culpa sem objeto	Fascínio e repulsa simultâneos pelo mesmo conteúdo
Potencial não exercido	Talentos e ambições excedentes ao lugar familiar atribuído	Autossabotagem; inveja; sensação de vida não vivida	Admiração idealizada por quem realizou o que se recusou

Tabela 1 — Domínios usuais da sombra, segundo o conteúdo relegado, sua forma de retorno e o indicador que, em análise, permite localizá-lo. A coluna de indicadores registra sinais de superfície, não critérios diagnósticos.

7 Implicações clínicas

7.1 A resistência e seu estatuto

O confronto com a sombra é processo lento, penoso e frequentemente solitário. A resistência que lhe opõe o paciente não é obstáculo acidental: é parte de seu objeto. O que se defende é a arquitetura de crenças sobre si que organizou a vida até ali — e que foi, em sua origem, condição de vínculo com quem o paciente mais amou. Desconstruir o que foi introjetado na primeira infância pelas figuras de cuidado não é operação intelectual, mas desorganização temporária do que sustenta o sujeito.

Daí a exigência técnica mais elementar: sustentar o tempo do processo. A antecipação interpretativa — nomear a sombra antes que o paciente disponha de recursos para recebê-la — produz adesão intelectual sem eficácia, em que ele repete a formulação do analista como saber adquirido, ou então fortalecimento da defesa. A escuta sem julgamento não é disposição ética genérica, mas condição técnica: só um campo em que o inadmissível possa ser dito sem custo relacional permite que ele apareça.

7.2 Projeções cruzadas no vínculo analítico

O trabalho com a sombra expõe o vínculo analítico a dificuldade específica. O paciente tenderá a projetar sobre o analista os traços que recusa, vendo-o como incompetente, desatento ou secretamente julgador. Tais atribuições não são erro a corrigir nem ataque a suportar, mas material: a sombra manifestando-se no único lugar onde pode ser observada em ato.

A simetria, contudo, é real: o analista também projeta. Diante de um paciente que encarna traço que ele próprio recusa, sua escuta perde neutralidade de modos que raramente se anunciam — aumenta o interesse por certos temas e diminui por outros, surgem interpretações corretas

em conteúdo e inoportunas em tempo, instala-se impaciência atribuída à resistência do paciente. Nenhuma formação elimina o risco; o que o torna manejável é a análise pessoal continuada e a supervisão, que dão ao analista um lugar onde sua própria sombra possa ser olhada.

7.3 Integração, não eliminação

Cabe delimitar o objetivo. Integrar a sombra não significa realizar o que ela contém nem aboli-la, mas reconhecê-la como própria e admiti-la ao campo das escolhas conscientes. Quem reconhece a própria agressividade não passa a agredir: passa a dispor dela como informação sobre si. Quem reconhece a própria necessidade do outro não se torna dependente: deixa de organizar a vida em torno da recusa dessa necessidade.

A delimitação distingue o trabalho analítico das versões abreviadas que circulam sob o rótulo de autoconhecimento: a promessa de integração rápida, mediada por curso breve ou protocolo, desconhece que o que resiste não é falta de informação, mas o investimento que sustenta a recusa. A individuação é tarefa de uma vida, sem termo em que se pudesse declará-la concluída.

8 Considerações finais

Três conclusões se sustentam ao cabo do percurso.

A primeira é que a coincidência entre a sofisticação dos meios de depuração da imagem de si e o crescimento do sofrimento relatado não é paradoxo, mas relação de implicação: cada operação que torna a fachada mais perfeita amplia o que precisa permanecer fora dela. A sombra cresce na medida exata do esforço empregado em negá-la, e seu crescimento não é silencioso — manifesta-se como ansiedade sem objeto nomeável, como vazio que o ruído não preenche, como hostilidade dirigida a quem apenas devolve ao sujeito a imagem do que ele recusou.

A segunda é que o imperativo contemporâneo de felicidade acrescenta ao sofrimento comum uma camada suplementar. Freud estabeleceu que a felicidade duradoura não está ao alcance da constituição humana; uma cultura que a prescreve como norma de desempenho converte o sofrimento inevitável em fracasso pessoal. O sujeito não sofre apenas o que sofre: sofre por sofrer, e deve ocultar que sofre.

A terceira diz respeito à posição do analista. Num regime cultural que oferece, a cada passo, procedimentos para evitar o confronto consigo — o bloqueio do que incomoda, o afastamento do que perturba, a curadoria do que é visto —, o dispositivo analítico faz o movimento inverso: não promete bem-estar como produto, e sim um lugar em que o inadmissível pode ser dito e, uma vez dito, pensado. A sombra não é acidente a corrigir na constituição humana; é parte dela, tão antiga quanto a espécie, e nenhum projeto de bem-estar erguido sobre sua supressão prospera, porque o que se suprime continua a operar. Resta, como tarefa clínica e programa de investigação, precisar as condições em que o reconhecimento da sombra se torna possível para cada sujeito — trabalho mais lento do que a oferta de totalidade que o mercado anuncia, mas o único que a experiência clínica autoriza.

Declarações

Conflito de interesses. O autor declara não haver conflito de interesses.

Financiamento. A pesquisa não recebeu financiamento específico de agências públicas, comerciais ou sem fins lucrativos.

Uso de inteligência artificial. Não foi utilizada inteligência artificial generativa na concepção, na redação ou na análise do conteúdo deste artigo.

Disponibilidade de dados. Não se aplica: trata-se de revisão de literatura, sem produção de dados primários.

Nota editorial. Este artigo integra o acervo reorganizado dos volumes 1 a 3 da Interapia. O texto foi editorialmente adequado às normas vigentes da revista quanto a estrutura, registro e normalização de referências, sem alteração de tese, argumento ou atribuição de autoria.

Referências

- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BROWN, D. *The lost symbol*. New York: Doubleday, 2009.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FREUD, S. O inconsciente (1915a). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 165-222.
- FREUD, S. A repressão (1915b). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 147-162.
- FREUD, S. O ego e o id (1923). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 23-83.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 67-148.
- HAN, B.-C. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Obras completas, v. 9/1. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JUNG, C. G. *O eu e o inconsciente*. Obras completas, v. 7/2. Petrópolis: Vozes, 2011.
- JUNG, C. G. *Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Obras completas, v. 9/2. Petrópolis: Vozes, 2012.
- JUNG, C. G. (org.). *O homem e seus símbolos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizoides (1946). In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 17-43.
- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 96-103.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- OECD. *Health at a glance 2021: OECD indicators*. Paris: OECD Publishing, 2021.
- WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

COMO CITAR

CASAGRANDE, E. V. Self versus selfie: o arquétipo da sombra e o mal-estar na pós-modernidade. *Interapia — Revista de Clínica, Cultura e Ciências Mentais*, v. 1, n. 1, p. 54-60, 2023.

LICENÇA

Publicado em acesso aberto sob licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional. O autor mantém os direitos sobre a obra e concede à revista o direito de primeira publicação.